

A FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE

Profa. Esp. Aline Cristina Santana Rossi¹

Muitas e diversas são as análises que procuram entender a arte sem relacioná-la à sociedade na qual interage e se articula. Este texto, em tom extremamente introdutório, serve de instrumento para a compreensão da arte numa postura de cunho histórico e ontológico, o que significa que apresentamos esta dimensão da vida humana em articulação e desenvolvimento com o processo de autoconstrução humana.

Porque será que no longo processo de transição do feudalismo para o capitalismo podíamos observar a manifestação concreta de grandes obras de arte em suas várias facetas: na pintura exemplos de Da Vinci, Boticelli, Rembrandt, Turner etc.; na literatura, Shakespeare, Vico, Balzac etc.? Como é possível uma humanidade que já produziu artistas como um Monet, Van Gogh, Giotto hoje ser rebaixada a um Hamilton, Du Camp e Romero Brito? Será que o cérebro humano perdeu ou diminuiu sua capacidade em elaborar *verdadeiras obras de arte*?

Entendemos que a arte, assim como as demais dimensões da vida humana, não está apartada e separada por uma “muralha da China” da maneira como os seres humanos organizam o trabalho em uma determinada sociedade. Isto não implica uma relação mecanicista ou uma determinação rígida. Ao contrário, entendemos que a arte encontra seu campo de possibilidades para se manifestar em suas diversas modalidades, não em si própria, mas na sociedade em que atua. Como já disse o velho Marx: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47).

Precisamos entender, preliminarmente, o que é a verdadeira obra de arte e qual a sua função na sociedade. O *humanismo revolucionário* não louva um indivíduo romantizado perante uma

¹ Pedagoga, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFMS em Campo Grande – MS. E-mail: alinesantanarossi@gmail.com

sociedade em apodrecimento. Não tenta dar cores alegres ao lodo grotesco que é o capitalismo. Por isso mesmo, que possamos analisar a realidade como ela de fato é!

Arte: do que se trata?

Para entendermos o que é a verdadeira arte, qual a sua especificidade e qual a função que ela cumpre na sociedade devemos rastrear suas origens históricas em articulação com o momento em que surge a humanidade e a vida em sociedade.

Este procedimento é necessário, pois, de modo geral, para entender a arte os livros e demais textos sobre o assunto procuram a história do conceito do que é a arte, o que é o belo, no que se constitui a forma e o conteúdo de uma obra etc. Não estamos desprezando a história dos conceitos, mas sim, apenas alertando que, em primeiro lugar, é preciso partir de bases sólidas e reais e, neste caso, é preciso partir das origens histórias em que aparece a arte no âmbito da humanidade em seu vínculo com o processo humano de nos tornarmos membros do gênero humano.

Em síntese: em primeiro lugar deve vir a história e, só depois de efetivado uma análise rigorosa a este respeito, podemos avançar para as considerações conceituais realizadas em torno desta temática. Estudemos o processo histórico e não louvemos acriticamente a opinião deste ou daquele autor antes de confrontar suas opiniões com a própria realidade em seu desenvolvimento.

Dito isto, vale a pena a reflexão: tudo que existe de manifestação cultural, de manifestação musical, na pintura, literatura etc.; de fato, constitui a arte? Bastou expressar uma opinião por meio de um poema, um quadro ou uma música e, aí sim, isto se torna arte?

A sociedade capitalista na qual vivemos nos diz que sim. Ela nos aponta as manifestações do senso comum, por exemplo, como obras de arte. Em nenhum momento nos é instigado a refletir se determinada música contém traços ideológicos dominantes que expressam o machismo, a homofobia, o preconceito de classe etc. Algumas pessoas podem realizar esta reflexão, mas, de modo geral, não é este o incentivo social que o capitalismo nos oferece.

Vejam a irracionalidade a que chega a consideração de arte nesta sociedade na qual fomos criados e que estamos criando nossos filhos: uma rocha de granito de 340 toneladas, do “artista” Michael Heizer foi exposta no Museu de Arte de Los Angeles, na Califórnia, EUA em 2012! Realmente algo impressionantemente ridículo: um granito ser considerado “obra de arte”!

E isso não é tudo: basta lembrar os quadros com “cores alegres” e infantis de Romero Brito ou, talvez então, o desprezo pela ciência presente nos escritos do poeta brasileiro Manoel de Barros

que chega a afirmar textualmente: “A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: *divinare*.” Há, ainda, quem considere arte o machismo e a apologia à violência contra a mulher presente na letra da música “O que é que eu dou?” de Dorival Caymmi: “Eu já fiz de tudo, fiz de tudo pra lhe agradar. Ela está sempre zangada, sempre de cara amarrada. Será que ela quer pancada?! É só o que lhe falta dar! Ela quer apanhar!”

Novamente vale destacar a premissa de que a presença maciça do irracionalismo na arte (e poderíamos dizer também na ciência e na filosofia) não se explica tão somente por questões subjetivas relacionadas apenas à individualidade dos artistas.

Entrando propriamente em nossa temática: os seres humanos não nascem membros do gênero humano. Andar sobre duas pernas, ler, escrever, expressar algo por meio de uma música ou poesia não são “qualidades” “dadas” pelo código genético ou por alguma benção divina.

O ser humano surge a partir do momento em que começa a efetivar atos de trabalho. O trabalho é exclusivo da prática humana. Não existe qualquer animal que possa trabalhar. Certamente os animais transformam a natureza: o joão-de-barro faz a sua “casa”, alguns macacos podem desenvolver alguns “utensílios” para ajudar a conseguir alimentos, certos peixes podem utilizar a água para conseguir alguma fruta etc. Todavia, de modo algum, isto significa que os animais trabalham.

O trabalho² é sempre e em qualquer sociedade uma relação entre o homem – sociedade – e a natureza na qual ocorre a transformação de uma parcela da natureza nos meios de produção e de subsistência indispensáveis à vida humana. Toda sociedade precisa, portanto, trabalhar. A maneira que cada formação social irá organizar o trabalho varia ao longo da história (trabalho escravo no escravismo, trabalho servil no feudalismo e trabalho assalariado no capitalismo), mas a necessidade vital de trabalhar nunca desaparece. Cancelado o trabalho, irrevogavelmente cancelamos a vida humana.

Não estamos resumindo toda a vida social ao trabalho. O próprio trabalho aparece em meio às relações sociais e à divisão do próprio trabalho. Todavia, ele é a única categoria que funda a necessidade e, por isso mesmo, se conforma na base ineliminável que permite surgir outras dimensões propriamente sociais: a ciência, a educação, a arte, a filosofia etc. Todas essas dimensões humanas não existiriam se não fosse a capacidade humana em efetuar atos laborativos.

² O capítulo 05 do Livro I de “*O Capital*” de Marx contém uma discussão interessantíssima a este respeito. Além disso, vale a pena o estudo do primeiro capítulo dedicado a este tema da obra “*Para uma Ontologia do Ser Social*” de Gyorgy Lukács. No Brasil, sugerimos a leitura de “*Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo*” de Sergio Lessa e o livro “*Educação, Cidadania e Emancipação*” de Ivo Tonet.

O trabalho é a única categoria que possui um caráter intermediário, no sentido de que atua na relação entre a sociedade e a natureza. Todas as outras categorias humanas são, por assim dizer, “mais puramente sociais”, pois atuam não diretamente sobre a transformação da natureza, mas sim de modo mediado e, com isso, seu foco de atuação está na relação dos seres humanos entre si.

Quando os seres humanos trabalham eles transformam a natureza e criam algo puramente humano e social (um martelo, por exemplo) e, também, se transformam enquanto individualidades mais ricas socialmente e, ainda, o grupo no qual estão inseridos também se transformam. Quem assistiu aquele filme francês “*Guerra do Fogo*” de 1981, dirigido por Jean Jacques Annaud pode se lembrar das enormes diferenças entre a mulher que já sabia dominar a técnica de fazer fogo e o protagonista da história que pertencia à um bando que ainda se atrapalhava todo com este “mistério” da natureza.

Biologicamente falando, os dois personagens são seres humanos idênticos. Todavia, um deles, a mulher, possuía uma capacidade de intervir na natureza e de compreender a realidade muito superior à de seu companheiro. E isso não se justifica por uma modificação genética que a tenha contemplado com essa capacidade! O trabalho no grupo social ao qual a mulher pertencia era muito mais desenvolvido do que aquele praticado pelo grupo do seu companheiro. Tudo no bando da mulher se mostrava mais social: eles sabiam utilizar o meio ambiente como uma maneira para defesa dos ataques de outros bandos, dominavam o fogo, sabiam construir lanças para se defenderem num confronto direto sem a necessidade da proximidade física colocar em risco a suas vidas.

Com o trabalho há uma articulação nova entre consciência e realidade. A vida em sociedade não pode existir sem um papel ativo da consciência. Porém, isto não significa que a consciência pode atuar livremente da maneira que bem entender suas paixões, fantasias e vontades. Ao contrário, a consciência só conseguirá cumprir sua função na sociedade se for capaz de pensar em vínculos, em articulações e relacionamentos entre os elementos que, efetivamente, estiverem presentes na própria realidade. Não adianta nada fantasiar algo que a realidade não pode oferecer. Estamos tratando do trabalho em seu sentido amplo e não a sua manifestação específica em cada sociedade.

Portanto, cabe à consciência refletir sobre a realidade como ela se conforma – ainda que nunca de modo absoluto - e acumular conhecimentos e habilidades adquiridos para que possa ser eficiente a transformação da natureza. Isto é algo realmente novo no planeta Terra: com o trabalho podemos criar instrumentos, objetos, construções etc. que geram, durante o processo de trabalho, conhecimentos, ideias, valores, técnicas e habilidades que podem ser utilizados em uma série de

outras situações que não mais o objetivo inicial do processo. Temos, com isso, o “despertar” para o surgimento de outras dimensões da vida humana, como é o caso de nosso debate o surgimento da arte.

Para que possa existir a arte é preciso que os seres humanos compreendam o mundo de modo mais social e, cada vez menos, instintivo. Em última instância, em decorrência dos atos de trabalho e das dimensões que ele chama à vida (como a ciência, por exemplo, que cumprirá a função de fornecer um conhecimento objetivo – ainda que, de novo, nunca absoluto – da realidade natural e social como ela é em sua efetividade própria), a arte³ pode permitir os indivíduos se enxergarem membros do gênero humano para além das limitações e das alienações⁴ que vigoram na vida cotidiana.

Vejam que coisa fantástica: a arte, uma dimensão da vida humana, eminentemente social e histórica tem por função permitir o acesso ao patrimônio elaborado pela própria humanidade. Trata-se, como se vê, de algo extremamente positivo. A arte capta a essência, numa relação que não despreza a aparência, mas que, ao mesmo tempo, não se limita a ela. Cabe, portanto, à arte, em suas várias manifestações, fornecer os subsídios indispensáveis para a compreensão da realidade em suas camadas mais profundas e articuladas.

Trata-se, com efeito, de um tipo de conhecimento que reflete a realidade. Não um reflexo mecânico e fotográfico, mas sim, um reflexo que apreende os traços de continuidade em seus vínculos com a diversidade de suas concreções imediatas. É um conhecimento que emana da realidade e se volta a ela no que possui de essencial, mexendo diretamente com a humanidade presente em cada um de nós.

Observemos que não se trata de qualquer desenho, qualquer escultura, pintura, texto ou música que consegue alcançar este nível e esta função na sociedade. Muitos leitores poderão chegar à seguinte conclusão já nesta altura do texto: “Então a obra de arte autêntica é muito rara?!” Ao que podemos responder: certamente sim. A autêntica obra de arte não serve para um consolo momentâneo, para uma recreação banal que nos faz “desligar” por alguns instantes da correria e da loucura do nosso dia-a-dia.

³ Sugestão de estudo de texto preliminar sobre a arte é um belíssimo escrito de Lukács, de 1945, intitulado “*Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*”. Além disso, para um maior aprofundamento está sua obra “*Estética*”, bem como a contribuição de autores que se debruçam rigorosamente sobre o tema como, por exemplo, Guido Oldrini, Miguel Vedda, Ester Vaisman e Celso Frederico.

⁴ Sugestão de texto para um estudo introdutório da questão da alienação é: “*Alienação e Estranhamento*” de Sergio Lessa, disponível em seu site para download.

A autêntica, isto é, a verdadeira e grande obra de arte possibilita entrar em contato com o que há de mais desenvolvido de uma determinada época de um ponto de vista puramente humano, social e histórico.

Isto não quer dizer que a obra de arte tenha que ser politqueira, ou que tenha que afirmar com todas as letras que os capitalistas devem sucumbir perante um processo revolucionário. O sentido da defesa do humanismo na arte se relaciona ao fato de lutar contra as tendências que tentam rebaixar o ser humano a uma essência egoísta, mesquinha, concorrencial e individualista por “natureza”.

O humanismo na arte também luta contra os mais variados tipos de preconceito. Luta contra a fragmentação, contra a falsificação e a desvalorização do humano. Entende o ser humano e sua essência como “conjunto das relações sociais” como já afirmou Marx em suas famosas “*Teses ad Feuerbach*”. Não existe um ser humano e uma sociedade criados *a priori*. Os seres humanos se tornam seres humanos no relacionamento social e histórico entre si, numa interação em que várias dimensões interferem e são interferidas dinamicamente.

Importante também explicar que a arte, na sua defesa incansável pelo *humanismo*, buscando representar e demonstrar a *essência* contida na realidade não recorre a este procedimento por capricho ou gosto abstrato de tal ou qual artista. É preciso analisar a arte em sua vinculação com a sociedade em seu processo histórico de constituição e, a partir disso, é possível reconhecer o verdadeiro traço do *realismo* presente também na autêntica arte.

Não diz respeito, na especificidade da atividade artística, representar a realidade como coleção aleatória de fatos ou como amontoado caótico de fragmentos esparsos a ser organizado pelo artista, seja ele escultor, pintor, escritor etc. Se verifica o realismo na grande arte, por intermédio da apreensão das tendências estruturais e de desenvolvimento interno de cada época que é capaz de enxergar os indícios de ruptura de determinadas relações sociais e, ao mesmo tempo, outros indicativos de continuidade. Tanto se tem em preocupação o humanismo que não deturpa nem dilacera o ser humano em moldes alienantes de cada concepção de mundo conservadora, quanto não se distorce a realidade em concepções de mundo delirantes, utópicas ou que se perde em particularismos exacerbados em falsas imagens de universalidade.

Em outras palavras, o realismo na verdadeira arte parte da *totalidade social*⁵ e a ela se direciona, seu impulso está justamente em apreender esta síntese das várias interferências entre as dimensões sociais. O compromisso realista com a totalidade guarda íntima articulação com o

⁵ O texto mais didático que conhecemos a este respeito tem por título “*O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade*” de autoria de Sergio Lessa e também está disponível no site do autor.

humanismo. A totalidade não pode ser entendida como sinônimo de tudo ou como mera soma das distintas dimensões que compõe a vida humana. A totalidade social é resultado da interação das dimensões sociais, é a sua síntese, sempre apresentando traços de continuidade herdados do passado e abrigando as possibilidades reais e concretas para a atuação de cada uma dessas dimensões no futuro. Lukács possui uma rica elaboração a este respeito:

A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende exatamente aquele processo dialético pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. (LUKÁCS, 2010, p. 26)

Cada sociedade apresenta, portanto, uma síntese de interações entre suas esferas que irão compor a totalidade social. Esta, por sua vez, coloca as possibilidades e os limites para a arte atuar e se desenvolver. Cabe à totalidade, dessa forma, o papel predominante na orientação da arte, pois, como já afirmamos, a atividade artística/estética não está descolada da sociabilidade em que se encontra.

Retomando os principais pontos até aqui: não é por critérios da consciência, ou seja, não é por categorias *a priori* escolhidas por tal ou qual pensador que conseguiremos entender a autêntica obra de arte. Não existe manual que dê conta disso.

Entretanto, isto não significa que tudo pode ser considerado efetivamente arte. Há indícios que se originam da própria história e que também podem ser encontrados nas grandes obras de arte elaboradas pelos verdadeiros artistas ao longo da humanidade. Mas é preciso insistir, não se trata de uma receita para ser aplicada sobre como elaborar uma atividade artística. Estas reflexões se dão no sentido da apreensão dos traços mais gerais que constituem a particularidade da autenticidade da arte.

- 1) A busca pela *explicitação da essência* contida na realidade. Não uma essência dada por todo sempre e imutável. Mas sim o movimento histórico e social de constituição das individualidades e das sociedades em sua dinâmica mais íntima, seus conflitos, contradições e tendências.
- 2) A *defesa do humanismo*. Não se apresenta o ser humano como dado por construções biológicas ou naturais. Não se rende a arte ao preconceito de classe e ao ponto de vista das classes dominantes em suas deturpações do gênero para fazer prevalecer suas

ideologias e suas concepções de mundo. Defende-se o ser humano em sua integralidade, enquanto portador da potencialidade de desenvolvimento múltiplo que, efetivamente, se concretizará de acordo com as condições reais para tal processo e evolução.

- 3) O *realismo*. Isto é: a fidelidade à representação da realidade. Não como cópia fotográfica, mas sim, como apreensão dos elementos históricos que se manifestam na diversidade múltipla da vida cotidiana em toda sua dinâmica. Não se recorre, dessa forma, primeiro ao desejo ou à opinião do artista, mas sim, ao que oferece concretamente a própria realidade.
- 4) A preocupação voltada para a apreensão da *totalidade social*. Se há um empreendimento artístico que promova a explicitação da essência, defendendo o humanismo e reproduzindo a realidade em sua processualidade histórica como ela é, a totalidade social também deve estar em evidência no que diz respeito aos limites e possibilidades que ela oferece às distintas dimensões da vida humana e, igualmente, suas potencialidades e seus entraves ao desenvolvimento dos indivíduos e ao gênero humano.

Em suma: “A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento” (LUKÁCS, 2010, p. 26).

Seriedade, compromisso com a realidade, defesa do ser humano e preocupação com a essência da totalidade social são elementos constitutivos da verdadeira arte.

Referências:

LUKÁCS, G. Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, K. **Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.